

BULLYING COMO FATOR DE RISCO PARA O DESENVOLVIMENTO DE DEPRESSÃO EM ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL

BULLYING AS A RISK FACTOR FOR THE DEVELOPMENT OF DEPRESSION IN ELEMENTARY SCHOOL STUDENTS

Laylla Fabiana Vicente Duarte¹, Luana Carvalho dos Santos¹, Giselda Jordão²

1 Alunas do Curso de Psicologia

2 Professora Curso de Psicologia

RESUMO

O bullying é um comportamento agressivo, intencional e repetitivo, que vem se tornando uma preocupação crescente nas escolas, especialmente entre alunos do ensino fundamental. Ele pode se manifestar de diversas formas, como agressão física, verbal, emocional e cibernética (cyberbullying). Está diretamente ligado ao desenvolvimento de depressão em adolescentes, que podem apresentar sintomas como tristeza profunda, baixo rendimento escolar e isolamento social. O estresse emocional causado pelo bullying pode prejudicar ainda mais a saúde mental, aumentando a sensação de vulnerabilidade e inutilidade. Este artigo teve por objetivo investigar como a exposição ao bullying pode contribuir para o desenvolvimento de depressão em alunos do ensino fundamental, e qual o papel do psicólogo na prevenção e intervenção desse transtorno. O presente estudo fundamentou-se a partir de uma revisão bibliográfica, buscando reunir artigos que abordassem o bullying e depressão, tratando especificamente a relação entre estes dois fenômenos e o papel do psicólogo escolar. Os critérios de inclusão foram a priorização de fontes publicadas entre 2002 e 2024, estudos que abordassem a relação entre bullying, depressão e o papel do psicólogo escolar. O referencial teórico está estruturado em quatro capítulos.

Palavras-Chave: “Bullying na adolescência” “Adolescência e depressão” “Psicologia escolar”.

ABSTRACT

Bullying is aggressive, intentional and repetitive behavior that has become a growing concern in schools, especially among elementary school students. It can manifest itself in different ways, such as physical, verbal, emotional and cyber aggression (cyberbullying). It is directly linked to the development of depression in adolescents, who can present symptoms such as deep sadness, low academic performance and social isolation. The emotional stress caused by bullying can further harm mental health, increasing the feeling of vulnerability and worthlessness. This article aimed to investigate how exposure to bullying can contribute to the development of depression in elementary school students, and the role of the psychologist in preventing and intervening this disorder. The present study was based on a bibliographical review, seeking to gather articles that addressed bullying and depression, specifically dealing with the relationship between these two phenomena and the role of the school psychologist. The inclusion criteria were the prioritization of sources published between 2002 and 2024, studies that addressed the relationship between bullying, depression and the role of the school psychologist. The theoretical framework is structured into four chapters.

Keywords: “Bullying in adolescence” “Adolescence and depression” “School psychology”.

Contato: giselda.jordão@unidesc.edu.br

INTRODUÇÃO

O bullying é um fenômeno comportamental alarmante, que se manifesta nas escolas em todo o mundo, independente da classe social. Assim, suas consequências podem gerar sérias implicações para as vítimas, afetando não apenas o ambiente escolar, mas também a saúde mental e o desenvolvimento emocional dos alunos. O bullying é

compreendido como um comportamento agressivo e intencional, que se repete ao longo do tempo, criando um ciclo de opressão e sofrimento para aqueles que o sofrem. Esse fenômeno é caracterizado por ações de intimidação, exclusão e humilhação, que podem ocorrer de diversas formas, incluindo bullying verbal, físico, psicológico e virtual (Francisco, 2011).

A classificação do bullying revela suas múltiplas facetas, sendo que os tipos mais comuns incluem o bullying físico, que envolve agressões diretas, o bullying verbal, que se refere a insultos e ofensas, e o bullying relacional, que busca prejudicar as relações sociais da vítima (Lopes, 2005). Além disso, o fenômeno do cyberbullying ganhou destaque nos últimos anos, uma vez que os ataques são realizados por vias eletrônicas, utilizando computadores, internet, redes sociais e aplicativos de mensagens instantâneas. Essa forma de bullying propaga informações prejudiciais e visam à difamação da vítima, ampliando o alcance e a gravidade das agressões (Terroso et al., 2016).

A relação entre o bullying e o desenvolvimento de depressão em alunos do ensino fundamental é uma temática de grande relevância, pois, a saúde mental da população jovem está diretamente ligada às suas experiências escolares (Bronfenbrenner, 2006). Estudos indicam que estudantes vítimas de bullying podem desenvolver não apenas quadros de depressão, mas também ansiedade, baixa autoestima, dificuldades de aprendizagem e abandono escolar. Esses efeitos colaterais são particularmente preocupantes, pois podem resultar em situações extremas, como ideação e tentativas de suicídio. A adolescência é uma fase crítica, em que os indivíduos estão em processo de formação de identidade e autoestima, tornando-os mais vulneráveis às consequências do bullying (Pereira, 2012).

As vítimas de bullying estão em maior risco de desenvolver transtornos emocionais, tais como a depressão. Isso mostra que os impactos desta prática podem se estender para além do ambiente escolar, afetando a vida social, emocional e acadêmica dos estudantes (Vieira, 2020). Além disso, a literatura aponta que a depressão, quando não identificada e tratada adequadamente, pode resultar em consequências severas, como o comprometimento do desempenho escolar, isolamento social e, em casos extremos, comportamentos autodestrutivos (Garcia, 2013).

Diante deste contexto, a presente pesquisa teve como objetivo investigar a compreensão sobre o bullying no ambiente escolar, abordando suas formas mais comuns e suas características. Além de explorar as relações entre essas práticas agressivas e o desenvolvimento de quadros de depressão na adolescência, a pesquisa busca destacar

como a experiência de ser vítima de bullying pode impactar negativamente a saúde mental dos adolescentes. Ademais, será analisado o papel do psicólogo escolar, evidenciando suas contribuições essenciais na prevenção e intervenção do bullying, promovendo um ambiente escolar mais seguro e saudável.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este estudo baseou-se em uma pesquisa de natureza qualitativa, que teve por objetivo conceituar e categorizar os principais níveis de bullying no ambiente escolar, e quais suas consequências às vítimas, principalmente no desenvolvimento de depressão, e as contribuições do psicólogo neste contexto. A pesquisa qualitativa na visão de Silveira (2009), responde a questões muito particulares, buscando o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Para alcançar os objetivos propostos, realizou-se uma revisão de bibliografia sobre o tema, buscando reunir e analisar o conhecimento existente sobre o tema em questão. Segundo Lakatos (2021), a pesquisa bibliográfica é o levantamento de toda a bibliografia já publicada, em formato de livros, revistas, publicações avulsas e imprensa escrita. Sua finalidade é fazer com que o pesquisador entre em contato direto com todo o material escrito sobre um determinado assunto, auxiliando o cientista na análise de suas pesquisas ou na manipulação de suas informações.

A revisão bibliográfica para a realização deste trabalho baseou-se na pesquisa de 75 artigos. Desses, 60 artigos foram selecionados e utilizados de acordo com os critérios específicos, extraídos de artigos científicos, livros em formato eletrônico e documentos oficiais dos ministérios brasileiros. A seleção foi orientada pelo cumprimento de alguns requisitos, tais quais: relação do tema e a discussão, a fim de que o questionamento levantado na hipótese seja contemplado, tendo como critério para suas utilizações: seleção de dados, inclusão, relação, interpretação e análise.

As principais fontes de pesquisa que foram utilizadas: Google Acadêmico, Scientific electronic library online (Scielo), Periódicos eletrônicos em psicologia (Pepsico) e site do Governo Federal, tendo como palavras-chave: “Bullying na adolescência”, “Adolescência e depressão” e “Psicologia escolar”. Para a realização deste estudo os critérios de inclusão e priorização de fontes publicadas entre 2002 e 2024, estudos que abordassem a relação entre bullying, depressão e o papel do psicólogo escolar, e estudos que

fornecessem dados relevantes ao tema.

Foram considerados como critérios de exclusão, artigos voltados ao diagnóstico da depressão, que não abordassem a relação entre bullying, depressão e psicologia escolar, e publicações anteriores a 2002.

O referencial teórico foi desenvolvido em quatro capítulos, cada um atendendo um dos objetivos específicos previstos. O primeiro capítulo, conceitua e caracteriza o bullying, apresentando dados sobre o aumento de casos no último ano e uma introdução à fase da adolescência. O segundo capítulo destaca as formas mais comuns do bullying no ambiente escolar e o perfil de agressores e vítimas, buscando entender como essas dinâmicas se manifestam no contexto educacional. O terceiro capítulo estabelece a relação entre bullying e o desenvolvimento de depressão na adolescência, explorando os impactos negativos da violência na vida dos adolescentes, o que é crucial para compreender as consequências emocionais do bullying. Para concluir, o quarto capítulo identifica o papel e as contribuições do psicólogo escolar.

REFERENCIAL TEÓRICO

Capítulo 1- Bullying: Conceito e contexto no cenário educacional

O bullying é um fenômeno que sempre esteve presente nas relações em sociedade, mas só começou a ser pesquisado e tratado com maior atenção a partir da década de 70, na Suécia e na Noruega, após vários casos de suicídio, chamando a atenção do professor norueguês Dan Olweus, que começou a pesquisar sobre o tema (Fante, 2005). De acordo com Tessaro e Trevisol (2020), a prática do bullying tem aumentado de forma significativa; têm surgido a cada dia formas novas de bullying, o que impacta negativamente nas relações interpessoais dos estudantes. Segundo Olweus (1993), o bullying é um comportamento agressivo, e que se perpetua de forma repetitiva que geralmente acontece dentro de ambientes escolares.

Na atualidade, o ambiente escolar é considerado um dos espaços mais comuns de casos de bullying (Silva, 2006). Segundo Martins (2016), o contexto escolar é, depois do ambiente familiar, o espaço de maior convívio social, caracterizando-se como um cenário de destaque em relação à manifestação de comportamentos violentos. Entre tais práticas, evidencia-se o bullying, fenômeno com características específicas que o distingue de outros comportamentos inadequados e não desejáveis. Almeida (2009) destaca que o bullying vai além de brincadeiras violentas, em que se verificam sinais de prazer e diversão em todos os envolvidos, ou de atos de insubordinação, indisciplina,

agressividade e comportamentos antissociais, pois, eles não envolvem atitudes persistentes de intimidação, controle e domínio contra uma vítima incapaz de se defender.

De acordo com Freires (2012), o bullying escolar pode ser descrito como um fenômeno social, que possui características específicas e que deve ser ponderado a partir das peculiaridades de cada contexto, considerando a subjetividade dos envolvidos, bem como as características sociais, culturais e econômicas de cada realidade. Esta violência pode ocorrer em qualquer lugar onde houver mais de uma pessoa, mas o ambiente escolar, como já citado acima, é o meio mais propício para que esses comportamentos ocorram, pois há uma diversidade muito grande de pessoas no contexto escolar, cada uma com suas próprias características, que na maior parte dos casos de bullying, são utilizadas contra a vítima (Marine, 2012).

Embora o bullying tenha sido reconhecido como um problema desde os anos de 1990, foi nos anos 2000 que se observou um aumento significativo nas condutas agressivas e violentas por parte dos estudantes no contexto escolar. No entanto, a preocupação com o tema da violência escolar não é recente, conforme afirma Abramovay (2002). De acordo com os dados do Disque 100, no ano de 2023, foram realizadas 9.530 denúncias, e o Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania apontam que as violências nas escolas envolvendo bullying aumentaram cerca de 50% no mesmo ano (MDHC, 2023).

Diante de um aumento significativo de casos de violência, outros conflitos e demandas psicossociais, foi implementada a Lei nº 13.185/2015 (Brasil, 2015) nas instituições de ensino como uma medida inicial para abordar o aumento significativo de assédio e intimidação nas escolas, destinando-se a conscientização, prevenção e responsabilização do agressor através de programas educacionais e penalidades disciplinares.

Diante deste cenário que para a escola é um grande desafio, as instituições educacionais têm buscado formas de se adaptar, com implementação de programas previstos por as leis citadas ao longo deste texto, Frick (2016, p. 53) afirma que:

A educação e a sensibilização são fundamentais para a criação de um ambiente seguro e acolhedor nas escolas. É através delas que se pode promover a empatia, o respeito e a inclusão, essenciais para a prevenção do bullying. Ao capacitar os alunos e educadores a reconhecerem e enfrentarem comportamentos de intimidação, estamos investindo em uma cultura de paz e solidariedade.

O bullying no contexto educacional revela um fenômeno que, por mais que tenha mudado, não somente em formas, mas em intensidade, em meio as décadas continua a

ser um desafio que está presente e ocupando uma significância muito grande (Nakamura, 2018).

A partir desta preocupação, em 2024, as leis sobre bullying foram reformuladas, surgindo assim a Lei nº 14.811/2024 (Brasil, 2024). Essa nova legislação apresenta abordagens mais abrangentes e inclusivas, que não se concentram somente na violência ou no agressor. Em vez disso, busca estimular a criação de ambientes escolares mais seguros e acolhedores, favorecendo o desenvolvimento emocional dos estudantes. A lei também promove a educação emocional e capacitação de alunos como defensores de si próprios. Além disso, as punições previstas são aplicadas com mais sensibilidade, visando a reabilitação dos agressores e o apoio às vítimas (Brasil, 2024).

Capítulo 2 - Relação entre adolescência, depressão e bullying

Segundo Papalia, Olds e Feldman (2021), a adolescência é um período crucial que se estende dos 11 aos 18 anos. Essa fase marca a saída da infância para a idade adulta, onde serão apresentados a novos ambientes e a novas responsabilidades, repletas de descobertas e desafios.

Zanelato e Urt (2021) consideram que a adolescência é um período de constantes mudanças na vida de uma pessoa. Muitas coisas acontecem ao mesmo tempo: mudanças físicas, emocionais e nos grupos sociais. Segundo Marini (2012), essas mudanças passam a ser alvos de constantes piadas, brincadeiras e comparações com os padrões impostos pelo meio em que o adolescente vive, levando assim a um sofrimento que irá se perpetuar possivelmente até a vida adulta.

López (2023) afirma que, fisicamente, os adolescentes passam por um processo de crescimento e desenvolvimento corporal, o que na maioria das vezes, ocorre de forma rápida. O surgimento de acne, que é uma condição comum na adolescência, a alteração no peso, o que afeta diretamente o público feminino, não importando se é magra ou peso em excesso, oscilações nos tons de voz, o que afeta mais o público masculino, alterações de humor causadas pelas alterações hormonais que ocorrem nesta fase. Estas transformações, de certa forma são comuns para a etapa transitória, mas causam desconforto e insegurança, pois muitos não conseguem lidar com as repercussões que essas mudanças irão trazer para a sua nova vida. Emocionalmente, os adolescentes enfrentam novas e intensas emoções, com o surgimento de amores platônicos, a busca pela sua própria identidade e a luta pela sua independência. Socialmente, buscam estabelecer a sua posição no meio em que vivem, e nesse mesmo momento, enfrentam

pressões para se encaixarem em padrões socialmente e culturalmente impostos (Silva, 2021).

As mudanças intensas que ocorrem no período da adolescência são, na maior parte das vezes, a fonte de medos, inseguranças e angústias, afetando negativamente o desenvolvimento emocional do adolescente, fazendo com que eles enfrentem esses desafios de diversas maneiras, como isolamento, automutilação e aceitação das humilhações para poder fazer parte daquele grupo. Poucos conseguem ter a força de recorrer à ajuda, pois o medo, na maior parte das vezes, domina as suas ações (Filippini et al., 2013).

Silva e Lima (2021) afirmam que a adolescência é marcada por pensamentos clichês de “rebeldes sem causa” e por algumas características como: nervosismo, crises de identidade familiar e religiosa, instabilidade emocional, inseguranças, autocrítica e cobranças de si mesmo. De acordo com Pasche (2023), o olhar para o futuro e não saber o que irá acontecer ou o que os aguarda, explica os momentos de insegurança e instabilidade emocional, assim desencadeando comportamentos bruscos que por muitas das vezes, são mal compreendidos pelo meio em que convivem.

A teoria ecológica do desenvolvimento proposta por Bronfenbrenner (1979), destaca que o desenvolvimento humano é influenciado por múltiplos contextos ambientais e sociais. Bronfenbrenner (1979) descreve esses contextos por meio de um modelo de sistemas concêntricos, onde o indivíduo está no centro, mas pode ser afetado por diferentes tipos de influências, como família, grupos de amigos, comunidades e escolar. Ele classifica essas camadas em diferentes níveis, como microsistema, exossistema e o macrosistema, cada um representa diferentes tipos de interação e influência.

A escola está inserida no microsistema, representando um dos principais contextos em que o indivíduo interage de forma direta, afetando seu desenvolvimento social, emocional e cognitivo. A qualidade da interação com professores, alunos e a estrutura do próprio ambiente tem um impacto significativo aos alunos. Esta teoria tem uma visão abrangente sobre a saúde mental dos estudantes, principalmente no contexto escolar, pois, esta etapa do ciclo vital é crucial para o desenvolvimento da identidade do adolescente (Bronfenbrenner, 1979).

A depressão, ansiedade, solidão, baixo rendimento escolar, comportamentos inadequados no contexto social, alto risco para abuso de substâncias, danos pessoais e suicídio são algumas das implicações que os comportamentos da violência que bullying podem ocasionar (Naveed, 2019).

Pesquisas realizadas pela OMS¹ (2019) afirmam que, adolescentes com problemas na saúde mental, como depressão, tendem a enfrentar queda no desempenho escolar, à proporção que os sintomas da doença aumentam. Fatores como alterações do sono, baixa autoestima e autoavaliação negativa são os que comumente acompanham a depressão, influenciando diretamente no desempenho e rendimento acadêmico.

É possível identificar alguns fatores de risco que podem estar associados à ocorrência do bullying, como fatores de personalidade, autoestima, dificuldades nas relações sociais, ser vitimizado na escola ou fora dela, violência na escola, violência na comunidade, desajustes familiares, práticas educativas parentais, contexto escolar, alienação escolar, violência na mídia e percepção do problema (Santos, 2020).

O bullying pode levar a depressão e ao suicídio. A depressão é uma doença muito séria que afeta milhões de pessoas e a capacidade de confiança da vítima desse tipo de violência. O reflexo dessa vivência talvez não apareça na infância, mas na vida adulta será refletida através de algumas respostas á situações específicas, o que pode causar fracasso nas amizades e nos relacionamentos. Quem sofre bullying tem mais dificuldade de aprendizado, pois, sempre estão preocupados quando será a vítima novamente, e isso se torna uma distração constante (INPA, 2023).

Neto (2005), afirma que vítimas de bullying, quando crianças são mais propensas a sofrerem depressão e baixa autoestima quando adolescentes. Da mesma forma, quanto mais jovem for a vítima, maior será o risco de apresentar problemas associados a comportamentos antissociais quando adultos. Pereira (2012) destaca as principais doenças e transtornos decorrentes do sofrimento por bullying, dentre elas, está a depressão que afeta diretamente o humor, os pensamentos e o comportamento, impactando drasticamente a saúde. Ela está no hall das doenças mais comuns atualmente, abrangendo uma prevalência de 300 milhões de casos no mundo, atingindo 10% e 20% da população jovem (OMS, 2021).

Segundo Santos et al., (2020), os sintomas do quadro depressivo são: tristeza persistente, ansiedade ou sensação de vazio, sentimento de culpa, inutilidade e desamparo, insônia ou excesso de sono, perda ou aumento de apetite, fadiga e sensação de desânimo, irritabilidade e inquietação, dificuldades de concentração e de tomar decisões, sentimentos de desesperança e pessimismo, perda de interesse por atividades que anteriormente despertavam prazer e ideação suicida, em muitos casos, a vivência com o bullying pode estar por trás desses sintomas.

¹ OMS: Organização Mundial da Saúde

Garcia (2013) afirma que os impactos para as vítimas desse fenômeno afetam grande parte da convivência desse adolescente de forma grave, promovendo no ambiente escolar desinteresse desses indivíduos pela escola, déficit de concentração e aprendizagem, queda de rendimento, faltas e até evasão escolar. A saúde física também é afetada, ocorrendo uma baixa na resistência imunológica e autoestima, assim como a presença do estresse, de sintomas psicossomáticos e transtornos psicológicos, como é o caso da depressão, em casos mais extremos, se não tratado, pode ocasionar o suicídio (Silva, 2023).

Capítulo 3 - Formas mais comuns de bullying no contexto escolar.

O bullying é caracterizado no contexto educacional como um comportamento de agressão verbal, física e/ou psicológica que pode ser efetuada tanto de forma individual quanto grupal. É uma ação em que os mais fortes intimidam os mais fracos e fazem deles um objeto de diversão e prazer para si, disfarçando as agressões em formatos de 'brincadeiras mais pesadas' (Liu e Graves, 2011).

Silva (2022) afirma que as práticas de bullying pode ser em formas de abuso físico, com a utilização de socos, pontapés, empurrões, roubo ou danos aos pertences; em formas verbais, com apelidos, insultos, comentários racistas, homofóbicos, intolerantes, xenofóbicos e posição financeira; e em formatos eletrônicos (cyberbullying), por mensagens ameaçadoras privadas, divulgação de fake news e salas de bate papo. Almeida e Pires (2021) afirmam que o cyberbullying permite que os agressores tenham acesso a vítima durante 24 horas, o que torna mais difícil para a vítima encontrar uma saída.

O bullying relacional ou social, é uma forma de violência e é mais comum no meio feminino. Trata-se de comportamentos que tem por objetivo prejudicar o grupo em que a vítima é inserida, para que ela possa ser coagida pelos agressores. Esse comportamento acontece por meio de fofocas, manipulação, exclusão e tentativas de danificar a imagem da vítima. O bullying relacional tem o mesmo impacto das formas com mais destaque, pois, ele fere a autoestima e pode levar ao isolamento social desse estudante (Araújo e Santos, 2018).

O bullying, de acordo com Souza e Silva (2023), não é um fenômeno atual. Com o desenvolvimento da tecnologia, vem sendo reconhecido como causador de grandes danos às vidas tanto da vítima quanto do agressor, tornando-se merecedor de medidas especiais para o combate e prevenção desse comportamento.

Cada estudante que participa direta e indiretamente das ações de bullying desempenham um papel diferente: o autor é quem comete a agressão, a vítima é quem está sendo intimidado, os alvos, que são as pessoas que já sofreram bullying no passado e por medo de sofrer novamente começa a protagonizar atos dos quais foram vítimas antes, as testemunhas, os que somente assistem às ações e não fazem nada para ajudar por medo de se tornarem as próximas vítimas do agressor (Almeida e Costa, 2022).

Fante e Pedra (2008) destacam que um dos pontos para a ocorrência de bullying nas escolas está relacionado ao formato de ensino que dá ênfase à competitividade entre alunos, como por exemplo destacando um aluno melhor que o outro. Essas relações desiguais que acontecem no meio em que esses adolescentes são expostos, incitam ainda mais um agressor a escolher o alvo da sua agressão como forma de retaliação por inveja ou por não conseguir o mesmo êxito que o outro. Fante e Pedra (2008, p. 51) afirmam que:

O estímulo à competitividade e ao individualismo, principalmente em decorrência da pressão exercida pela família e a escola quanto à obtenção de resultados, especialmente nos vestibulares; a banalização da violência e a certeza da impunidade; o desrespeito e a desvalorização do ser humano, evidenciados em diversos contextos, principalmente na mídia; a educação familiar permissiva e a ausência de limites e, sobretudo, a deficiência ou ausência de modelos educativos baseados em valores humanos, orientados para a convivência pacífica, solidariedade, cooperação, tolerância e respeito às diferenças que despertam os sentimentos de empatia, afetividade e compaixão.

Silva e Ferreira (2023) destaca o bullying como um comportamento complexo que pode afetar adolescentes de diversas formas, tanto a vítima quanto o agressor, as vítimas de bullying na adolescência, na maior parte dos casos apresentam características específicas como baixa autoestima, insegurança, timidez ou dificuldade em fazer amigos, assim taxadas como diferentes pelos colegas devido às suas características físicas, comportamentais, seus interesses particulares ou por não conseguirem se encaixar nos padrões estabelecidos pelo grupo. Além disso, alguns podem demonstrar ansiedade, depressão ou isolamento social como resultado do bullying repetido.

A faixa etária da adolescência, marcada por um período de busca por identidade e aceitação social, pode tornar as vítimas mais suscetíveis aos efeitos negativos do bullying (Almeida e Souza, 2023). Para Sebastião (2008), os agressores de bullying geralmente têm um desejo de dominar ou intimidar os outros para obter poder ou status entre os colegas. Eles podem ser impulsivos, ter baixa empatia e buscar validar sua própria autoestima por meio da humilhação dos outros. Alguns agressores também podem enfrentar problemas em casa ou possuir traços de comportamento agressivo ou

controlador. Silva e Ana Beatriz (2015) afirmam que a adolescência pode ser um período onde alguns jovens experimentam mudanças comportamentais e emocionais, e para alguns, isso pode se manifestar através de comportamento agressivo ou intimidador em relação aos outros.

A adolescência é um período crítico em que as dinâmicas de poder, status e identidade estão em constante evolução, durante a adolescência, a pressão para se enquadrar em normas sociais e para ser aceito pelo grupo é significativa. Isso pode aumentar a vulnerabilidade das vítimas de bullying, que muitas vezes lutam para se afirmar e encontrar seu lugar no mundo, por outro lado, os agressores podem usar o bullying como uma maneira de afirmar sua própria identidade ou lidar com suas próprias inseguranças. O ambiente escolar é onde muitas interações sociais ocorrem, o que também pode amplificar esses comportamentos (Silva e Mendes, 2023).

Capítulo 4 - Papel do psicólogo escolar e suas contribuições no ambiente escolar

Ao longo das décadas o papel do psicólogo escolar tem sido constantemente ampliado, visto que historicamente seu trabalho era relacionado somente à intervenção de alunos com alguma necessidade especial, o que atualmente houve modificações, refletindo as mudanças nas necessidades educacionais e sociais das comunidades (Viegas et al., 2020). Guzzo (2010) afirma que, originalmente, a atuação do psicólogo escolar tinha um foco especificamente na aplicação de testes psicométricos e na identificação de dificuldades de aprendizagem e problemas comportamentais. No início do século XX, com o desenvolvimento da psicometria e a crescente ênfase na medição da inteligência, os psicólogos escolares eram vistos como técnicos responsáveis por avaliar o desempenho acadêmico dos estudantes (Barroso et al., 2015).

Medeiros e Aquino (2011) relata que, a instituição escolar é classificada como um dos campos para reflexão sobre a intervenção do psicólogo escolar com as ações na implementação de programas de prevenção, focando também na promoção da saúde mental e no bem-estar dos alunos. Assim como a respeito da construção de intervenções direcionadas ao processo educativo, formando-se como um dos principais movimentos de trabalho do contexto escolar.

Para Coll (2007), o histórico do papel do psicólogo escolar é de uma trajetória de constante crescimento e de complexidade e responsabilidade, suas ações e intervenções são de suma importância para a construção de um sistema educacional que não só traz o

ensino, mas que também cuida e valoriza cada aluno em sua subjetividade, assim promovendo um desenvolvimento integral que prepara para os desafios da vida.

O psicólogo escolar é visto como um gerenciador principal para um ambiente educacional inclusivo e saudável, suas contribuições são amplas e diversificadas, abrange desde a realização de avaliação e intervenção psicopedagógica, até a promoção de políticas de inclusão e diversidade, o apoio ao desenvolvimento socioemocional e a mediação de conflitos escolares (Guzzo et al., 2010). Segundo Antunes (2005) existe uma grande colaboração entre os psicólogos escolares e as equipes que estão presentes para o funcionamento pleno de uma instituição, como, administração, diretoria, pais e etc, trabalhando na criação de estratégias eficazes que possam atender às necessidades individuais dos alunos e promovam um clima escolar seguro e positivo.

No Brasil, a presença do psicólogo escolar em instituições de ensino foi estabelecida pela Lei nº 13.935/2019 (Brasil, 2019), esta lei estabelece a necessidade de ter profissionais de psicologia e serviço social nas redes públicas de educação, atuando de forma conjunta, com o objetivo de atender às necessidades dos alunos, promover um ambiente escolar saudável e auxiliar no processo de ensino-aprendizagem (Brasil, 2019).

A implementação desta lei determina que estados e municípios incluam esses profissionais na sua rede de ensino, focando na promoção da saúde mental, na mediação de conflitos e no apoio psicopedagógico aos alunos e à comunidade escolar em geral. As diretrizes da lei foram regulamentadas para assegurar que os psicólogos escolares possam desenvolver atividades que envolvam o diagnóstico de problemas educacionais e emocionais, a elaboração de estratégias de intervenção, e a promoção de um ambiente escolar inclusivo e acolhedor (CFP, 2021).

A pesquisa realizada por Oliveira e Nascimento (2015), mostram que programas de prevenção realizados nas escolas e que os alunos são envolvidos de forma direta são mais eficazes para os programas de redução de bullying, pois além de uma promoção de um ambiente saudável é feita a inserção desses estudantes, fazendo com que eles se sintam pertencentes e útil para algo, tendo um psicólogo como mediador e facilitador para que essa interação ocorra de forma saudável e inclusiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As pesquisas realizadas que abordam o assunto em questão, oferecem uma análise objetiva e crítica do fenômeno do bullying, principalmente no contexto educacional, enfatizando as múltiplas formas e as consequências deixadas por esta

prática aos alunos.

Segundo Liu e Graves (2011), o bullying é caracterizado por agressões que podem ser físicas, psicológicas e verbais, muitas vezes disfarçadas de “brincadeiras”, o que dificulta a identificação e o enfrentamento do problema, tornando-o ainda mais frequente. Silva (2022), destaca as práticas mais comuns, incluindo o cyberbullying, que permite que os agressores tenham acesso 24 horas por dia à vítima, dificultando a fuga da vítima. O bullying relacional, mais comuns entre meninas, também é um aspecto a ser destacado, dessa forma, se manifesta através de fofocas e exclusão social, causando danos à autoestima, e levando ao isolamento social, tornando-se tão prejudicial quanto o bullying verbal.

De acordo com Olweus (1993), a definição de bullying é essencial para que se possa diferenciá-lo de outras formas de indisciplina. Essa diferenciação é de suma importância, pois envolve agressões sistemáticas e intencionais, enquanto a indisciplina por sua vez, pode incluir ações pontuais e impulsivas que não tem como alvo pessoas específicas. As discussões sobre bullying deveriam ir muito além do que a superficialidade de punição ou recreação para orientar agressores e vítimas, explorando as nuances que envolvam os contextos sociais e culturais em que esses comportamentos ocorrem.

A escola é um dos ambientes mais propícios para a prática do bullying, pois é um espaço onde a diversidade de interações sociais é vasta, onde alunos de diferentes perfis e experiências se encontram e passam parte do dia juntos. Essa diversidade pode ser uma grande fonte de desenvolvimento de relações saudáveis e crescimento pessoal para os alunos, mas também de conflitos e rivalidades, o que requer não somente a presença de uma gestão escolar, mas a sua atenção sobre seus alunos e sobre o que acontece no meio deles, pois a responsabilidade sobre o bem-estar desses alunos recai sobre toda a comunidade escolar enquanto eles permanecerem dentro dos limites da escola (Silva, 2006).

A adolescência é um período transitório, repleto de mudanças físicas, emocionais e sociais. A prática da intimidação surge a partir dessas vulnerabilidades e inseguranças (Zanelato e Urt, 2021). As comparações e piadas realizadas em meio aos alunos podem desencadear um doloroso sofrimento emocional, que pode se estender até a vida adulta. Por isso, é de suma importância um suporte que possa ser oferecido de forma empática para com os alunos, tanto os que sofrem bullying, quanto os alunos que o praticam, pois, investigar a fonte deste comportamento é essencial para poder ajudar este aluno que

pode também estar passando por momentos difíceis, mas não sabe como pedir ajuda, e acaba fazendo o que ele acha melhor para chamar a atenção de alguém para si.

A literatura sobre o impacto do bullying na saúde mental, citada por Silva e Lima (2021), indica que as vítimas desse tipo de violência estão mais propensas a sofrerem de transtornos como a depressão, transtornos que se não tratados adequadamente, podem resultar em comportamentos de alto risco, como suicídio. A relação entre bullying e depressão é multifacetada e complexa, pois não afeta somente a saúde emocional de um estudante, mas também a sua trajetória social e educacional. As alterações da faixa etária e as pressões sociais durante a adolescência podem ocasionar em uma vulnerabilidade maior, fazendo com que se sintam incapazes de buscar ajuda ou de se proteger.

Filipine et al., (2013) e Gracia (2013) destacam como o bullying e consequências emocionais dessa fase podem afetar drasticamente a vida dos alunos. Assim, o impacto deste comportamento aos alunos, é um tema central e urgente no ambiente escolar.

Todos os envolvidos em atos de bullying desempenham papéis importantes para o entendimento de como funciona este comportamento. O medo de se tornar um alvo, pode paralisar as testemunhas, impedindo-as de ajudar as vítimas. Isso sugere a necessidade de um trabalho voltado para a promoção de uma cultura escolar que incentiva a empatia e a intervenção positiva, tal abordagem pode contribuir para a criação de um espaço escolar seguro.

A relação entre agressor e vítima destaca questões mais amplas, como o histórico familiar destes alunos, situação socioeconômica e até mesmo situações de saúde física ou emocional. A necessidade de um suporte emocional ou psicológico pode ser observado através de um olhar mais empático para com eles. E por fim, uma intervenção adequada para cada um deles, para pôr um fim neste ciclo de violência. O entendimento das motivações por trás de cada ação, pode levar as melhores estratégias de como intervir nestes casos (Antunes, 2024).

A educação emocional é essencial para a construção de um ambiente escolar acolhedor e seguro. Promover a empatia e o respeito merecido de cada indivíduo, deveria ser prioridade nas escolas, preparando os alunos para não serem defensores somente de si mesmo, mas de todos que precisam de sua ajuda, como já foi destacado, até mesmo o agressor (Frick, 2016). As reformas legais recentes realizadas na lei sobre bullying, refletem um entendimento mais profundo do tema, buscando soluções eficazes que vão além da repreensão, buscando a reabilitação dos agressores e apoio às vítimas.

É de suma importância considerar que o ambiente escolar não é um espaço

somente para aprendizagem, mas um microsistema da sociedade que reflete as interações sociais complexas do meio em questão. A presença do bullying cria um ciclo vicioso, pois quando a vítima tenta enfrentar o agressor, acaba desenvolvendo problemas de confiança e auto estima, tornando-se mais propensa à depressão e conseqüentemente o baixo desempenho acadêmico (Martins, 2016).

Outro ponto a ser trabalhado e estudado são as causas do bullying. Ampliar as discussões de como o espaço escolar tem contribuído para o aumento dessa prática, como por exemplo, a promoção de competições entre alunos por um lugar no pódio de alunos destaques, e a reavaliação das abordagens pedagógicas existentes, reformulando-as priorizando o bem-estar dos alunos.

O papel do psicólogo escolar atualmente, tem se mostrado cada vez mais importante no meio educacional. A ampliação de suas funções descritas ao longo deste estudo evidencia o aumento de demandas sociais e emocionais dos alunos. Quando focamos em saúde mental no contexto escolar, os psicólogos não trabalham somente demandas específicas, mas também promovem um ambiente inclusivo podendo reduzir as práticas de bullying (Guzzo et al., 2010).

A atuação em conjunto entre psicólogos, equipes escolares e comunidade é fundamental para a criação e a implementação de estratégias eficazes que atendam às necessidades individuais de cada aluno, refletindo assim em uma visão mais ampla de educação, onde o aprendizado vai além do conteúdo acadêmico, envolvendo o desenvolvimento emocional e social dos alunos. Para concluir, pode-se afirmar que é evidente que o psicólogo escolar é um agente importante, que tem como função a transformação do ambiente escolar em um espaço essencial e inesquecível de forma positiva para cada aluno.

Por fim, espera-se que este estudo forneça subsídios teóricos e práticos que possam orientar ações efetivas para combater o bullying e apoiar o bem-estar emocional dos estudantes. A conscientização sobre o bullying deve ser uma prioridade nas instituições de ensino, com o envolvimento de toda a comunidade escolar, a fim de construir um ambiente mais inclusivo e respeitoso para todos os alunos.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam et al. **Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina. Vulnerabilidade Social**, v. 192, 2002.

AGÊNCIA SENADO. **Sancionada lei que criminaliza bullying e amplia punição para crimes contra crianças.** Brasília, 15 jan /2024. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br>. Acesso em: 11 abr 2024.

ALMEIDA, **Bullying: conhecimento e prática pedagógica no ambiente escolar.** Psicologia Argumento, v. 27, n. 58, 2009.

ALMEIDA, R., & Pires, T. **Cyberbullying: desafios e intervenções.** Revista Brasileira de Educação e Tecnologia, 12(1), 45-59. 2021.

ALMEIDA, F. R.; Costa, M. L. **Dinâmicas do bullying: papéis e consequências no ambiente escolar.** Revista de Psicologia Escolar e Educacional, 26(2), 123-135. 2022.

ALMEIDA, R. J.; Souza, L. M. **Identidade e aceitação social na adolescência: vulnerabilidades e o impacto do bullying.** Revista de Psicologia e Desenvolvimento, 15(3), 145-158. 2023.

ANTUNES, Carlos H. Fortes. **As relações entre pares na ótica da transdisciplinaridade.** A Boa Educação na escola, p. 32, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/47085/1/107950603.pdf#page=34>. Acesso em 02 nov 2024

ANTUNES, M. A. M. Meira, M. E. M. **Psicologia Escolar: Práticas Críticas.** São Paulo: Casa de Psicólogo. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/3dcgWW5NNWdQJ7bxXqQvCpN/>. Acesso em 21 abr 2024.

ARAÚJO, J., & Santos, M. **O impacto do bullying relacional na saúde mental de adolescentes.** Psicologia: Teoria e Prática, 20(2), 167-178. 2018.

ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIATRIA et al. **DSM-5: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais.** Artmed Editora. 2014.

BARROSO, SM,. Scorsolini-Comin, F. Nascimento, E. (orgs). **Avaliação Psicológica: da teoria às aplicações.** Petrópolis: vozes. 2015.

BRASIL, **L13185.** 2015. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13185.htm. Acesso em: 15 nov. 2024.

BRASIL, **L14811.** 2024. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2024/lei/l14811.htm. Acesso em: 15 nov. 2024.

BRONFENBRENNER, U. **A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados** (M. A. V. Veronese, Trad.). Porto Alegre: Artes Médicas (Trabalho original publicado em 1979). 2006.

COLL, C. **Desenvolvimento psicológico e educação: Psicologia da educação escolar**. V.2. Porto Alegre: Artmed. 2007.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA(CFP). **Psicologia e Serviço Social nas escolas**. CFP, Brasília, 09 Julho 2021. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/publicacao/psicologas-e-assistentes-sociais-na-rede-publica-de-educacao-basica-orientacoes-para-regulamentacao-da-lei-13-935-de-2019/>. Acesso em: 18 mai 2024. .

DISQUE 100: **2023 registra aumento de cerca de 50% para violência nas escolas em comparação a 2022**. São Paulo gov.br, 03 nov 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2023/novembro/disque-100-2023-registra-aumento-de-cerca-de-50-para-violencia-nas-escolas-em-comparacao-a-2022> . Acesso em: 30 mar 2024.

FANTE, C. **Fenômeno Bullying: como prevenir a violência e educar para a paz**. São Paulo: Editora Verus. 2005.

FANTE, Cleodelice Aparecida Zonato; Pedra, José Augusto. **Bullying escolar: perguntas & respostas**. Porto Alegre: Artmed. 2008.

FILIPINI, C. B.; Prado, B. O. Felipe, A. O.; Terra, F.S. **Transformações físicas e psíquicas: um olhar do adolescente**. Adolesc. Saúde, v.10. 2013.

FRANCISCO, **A construção social da personalidade de adolescentes expostos ao bullying escolar**, Livro: **os processos de resiliência em-si** :Editora Atlas, Esc. vol.15 no.7 rio de janeiro fev/Jun 2011 Cidade: Universidade Estadual Unicarioca – RJ.

FREIRE, **A contribuição da psicologia escolar na prevenção e no enfrentamento do Bullying**. Livro: **Psicologia escolar educacional**. Editora: Marilda Gonçalves Dias Facci Psicol. Esc. Educ. vol.16 no.1 Maringá Jan./Jun 2012 Cidade: Universidade Estadual de Maringá – PR.

FRICK, Loriane Trombini. **Estratégias de prevenção e contenção do bullying nas escolas: as propostas governamentais e de pesquisa no Brasil e na Espanha**. 2016. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/136467/frick_lt_dr_prud.pdf?sequence=3. Acesso em 15 out 2024.

GARCIA, Sónia Alexandra Braga. **Escola multicultural: a sala de aula como espaço de integração e inclusão social**. 2013. Tese de Doutorado. Tese (doutorado). Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa. Disponível em: <https://run.unl.pt/bitstream/10362/12144/1/PES%20FINAL.pdf>. Acesso em: 27 abr 2024.

GUZZO. Mezzalira, **Psicologia e Educação no Brasil: Uma visão da história e possibilidades nessa relação**. Vol. 86, Nº 7 (Supl). 2010.

INSTITUTO DE PSICOLOGIA APLICADA - INPA. **Bullying escolar: o que é, consequências e como combater**. 2023. Disponível em :

[:https://inpaonline.com.br/bullying-escolar/?doing_wp_cron=1715963745.3359711170196533203125](https://inpaonline.com.br/bullying-escolar/?doing_wp_cron=1715963745.3359711170196533203125). Acesso em 17 abr de 2024.

LAKATOS, Eva Maria; Marconi, Marina de Andrade. **Metodologia do trabalho científico**. 7. ed. São Paulo: Editora Atlas. 2021.

LIU, Jianghong; GRAVES, Nicola. **Childhood bullying: A review of constructs, concepts, and nursing implications**. Public health nursing, v. 28, n. 6, p. 556-568. 2011.

LOPES, Aramis A. Lopes Neto. **Bullying Comportamento agressivo entre estudantes**. Rio de Janeiro. 2005.

LÓPEZ, C., & Silva, M. **Desenvolvimento Adolescente: Fases e Desafios**. Revista de Psicologia do Desenvolvimento. 2023.

MARINI, Elaine. **Psicologia escolar: uma reflexão sobre a educação: orientação para pais e educadores**. São Paulo, Vetor, 2012.

MARTINS, A.C.C; Torres, M.C.B.S. **Violência escolar: uma reflexão sobre suas causas e o papel do Estado**. Teresina, dez. 2016.

MEDEIROS L. G.; Aquino, F. S. B. **Atuação do psicólogo escolar na rede pública de ensino**. Vol. 86, Nº 7 (Supl). 2011.

NAVEED, Sadiq et al. **Association of bullying experiences with depressive symptoms and psychosocial functioning among school going children and adolescents**. BMC research notes. 2019. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1186/s13104-019-4236-x>. Acesso em 18 abr 2024.

NAKAMURA, R. **Bullying nas escolas: desafios e perspectivas**. São Paulo: Editora Moderna. 2018.

NETO, **Bullying comportamento agressivo entre estudantes**. Sociedade Brasileira de Pediatria - Vol. 81, Nº5(Supl). 2005.

OLWEUS, Dan. **Bullying: What we know and what we can do**. Mental disorder and crime 1993.

OLIVEIRA, **O bullying na escola como alunos e professores lidam com esta violência?** Revista Fundamentos, São Paulo: Editora Fundamentos da Educação. 2015.

OMS, Organização Mundial de Saúde. 2021. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/topicos/depressao>. Acesso em 28 abr 2024.

OMS, Organização Mundial da Saúde. 2019. Disponível em: <https://bvsm.sau.de.gov.br/oms-divulga-informe-mundial-de-saude-mental-transformar-a-saude-mental-para-todos/#:~:text=Em%202019%2C%20quase%20um%20bilh%C3%A3o,dos%2050%20anos%20de%20idade>. Acesso em 10 jul 2024.

PASCHE, Alice Dias et al. **Serviço especializado em atenção à crise: relato de experiência acerca da contribuição da psicologia em um grupo de adolescentes**. 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/31028>. Acesso em 04 out 2024.

PAPALIA, D. E; Martorell, G. **Desenvolvimento Humano**. v14, Rio Grande do Sul: AMGH. 2021.

PEREIRA. **Consequências e implicações do bullying nos envolvidos e no ambiente escolar**. Agostinho-BH. 2012. Disponível em: <https://cdn.domtotal.com/direito/uploads/pdf/8aa3ef2975e4ac2c91c74e3e9da646d6.pdf>. Acesso em 12 abr 2024.

SANTOS, L. C., & Ferreira, R. **Bullying e suas relações: fatores de risco e proteção**. Revista Brasileira de Educação, 25(1). 2020.

SANTOS-VITTI, Laís; Faro, André; Baptista, Makilim Nunes. Fatores de risco e proteção e sintomas de depressão na adolescência. Psico, v. 51. 2020. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/revistapsico/article/view/34353>. Acesso em: 19 set 2024.

SEBASTIÃO, João et al. **Violência e agressividade: juvenil, poderemos falar de escolas violentas?** Actas do Encontro SocEd 2009 Contextos Educativos na Sociedade Contemporânea. 2008. Disponível em: <https://repositorio.ipl.pt/handle/10400.21/11160>. Acesso em 09 out 2024.

SILVA, A. M., & Costa, J. R. **Consequências psicológicas e físicas do bullying em adolescentes: um estudo de revisão**. Revista Brasileira de Saúde Mental. 2023. Disponível em: <https://scientiageneralis.com.br/index.php/SG/article/view/341>. Acesso em: 03 out 2024.

SILVA, J. R. **Bullying: aspectos, causas e consequências**. São Paulo: Editora Educação e Sociedade. 2022.

SILVA, G.J. **Bullying: quando a escola não é mais um paraíso**. Direito à realidade. Porto Alegre, Publ. ano. 2018 n.364, p.2-3, mar. 2006.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Bullying: mentes perigosas nas escolas**, São Paulo: Globo Livros. 2015.

SILVA, A. R., & Lima, T. S. **A complexidade da adolescência: desafios emocionais e identitários**. Revista de Psicologia da Adolescência, 112-125. 2021.

SILVA, T. A. Ferreira, J. C. **Bullying na adolescência: impactos psicológicos e sociais**. Psicologia e Educação, 19(1), 67-82. 2023.

SILVA, T. P.; Mendes, A. R. **Dinâmicas sociais e bullying na adolescência: identidades em formação**. Revista Brasileira de Educação e Psicologia, 22(2), 89-103. 2023. Disponível em: <https://www.revistabrasileiradeeducacaoepsicologia.org>. Acesso em: 05 out 2024.

SILVEIRA, Denise Tolfo; Córdova, Fernanda Peixoto. **A pesquisa científica. Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. p. 33-44, 2009. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/213838/000728731.pdf>. Acesso em 20 abr 2024.

SOUZA, A. P.; SILVA, R. T. **Bullying e suas implicações no ambiente escolar: desafios e soluções.** Revista Brasileira de Educação, 28(1), 45-62. 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/entreideias/article/download/3619/3528>. Acesso em 19 set 2024.

VIEGAS, L.S, **Psicologia escolar e educacional no Brasil: a importância da autocrítica.** In: L.C. 2020.

VIEIRA. **Impactos do bullying na saúde mental do adolescente.** Psicologia e Educação e Ciência. 2020. Disponível em: <https://revista.uemg.br/index.php/praxys/article/view/4354> Acesso em 20 mar.2024

TESSARO, Mônica; TREVISOL, Maria Teresa Ceron. **Formação de professores e o manejo de situações de bullying na escola: o que as pesquisas têm indicado?.** Revista Práxis, v. 3. 2020. Disponível em: <https://periodicos.feevale.br/seer/index.php/revistapraxis/article/view/2112>. Acesso em: 30 mar.2024.

TERROSO, **Habilidades sociais e bullying em adolescentes. Temas em Psicologia.** 2016. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1413-389X2016000100. Acesso em 15 ago 2024.

ZANELATO. Urt. **A atividade pedagógica para adolescentes: Contribuições da psicologia histórico-cultural.** Paraná, 02 nov 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/psicolestud.v26i0.45690>. Acesso em 30 mar 2024.